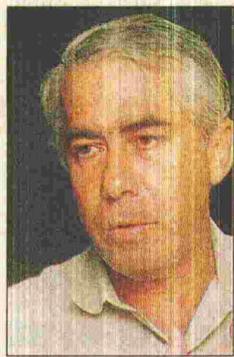


Brasília, quarta-feira
5 de outubro de 1994

DF ELEIÇÕES 94



Tucanos vão divididos para 2º turno

Um processo difícil de negociar. Assim é o apoio do PSDB para o 2º turno que poderá terminar em racha. Três forças já se debatem: Sigmaringa apóia o PT, Geraldo Campos, Roriz e Abadia não vota em Valmir

FHC escolherá ministério só em dezembro

Como presidente eleito, FHC dirá amanhã, em seu 1º pronunciamento, que escolherá o ministério em dezembro, e mais: não admite pressão. O 2º turno em estados como SP e Rio será usado para deter especuladores.



Lula ainda acredita em reviravolta

Embora os resultados parciais das apurações afastem cada vez mais o candidato do PT da vitória, Lula ainda não jogou a toalha no chão e estimula a militância a não afrouxar a fiscalização.

Confira os números das eleições

O TSE ainda não tem previsão de quando dará o resultado final das eleições. O Correio publica os resultados parciais das apurações em todo o País.

FMI aposta em reforma na economia

O diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional, Michel Camdessus, comemorou a eleição de Fernando Henrique, dizendo que a parceria entre o FMI e o Brasil poderá dar um passo adiante.

CRISTOVAM

Foto: Jefferson Rudy



Luis Turiba

O professor Cristovam Buarque sonha em ultrapassar as fronteiras do PT na formação de um eventual futuro governo de Brasília e já admite convidar o deputado tucano Sigmaringa Seixas para sua equipe - se vencer o segundo turno.

"É um bom nome que pode até ser indicado", admitiu ontem, ao comentar, para o Correio Braziliense, uma futura aliança entre petistas e tucanos

no segundo turno.

"Nenhum acordo secreto será feito na cúpula, mas desejamos ter do nosso lado os eleitores de todos que desejam mudanças, de Maria de Lourdes Abadia a Paulo Timm, do Coronel Ferreira ao Ildeu", explicou o candidato do PT.

A vontade de ampliar seu palanque para o segundo turno é tanta, que Cristovam Buarque já fala até em "relação civilizada" entre ele e o presidente eleito Fernando Henrique Cardoso, do PSDB.

"Valmir parece aqueles aviõezinhos teleguiados por controle remoto"

Correio Braziliense — O senhor é acusado de ter feito uma péssima administração como reitor da UnB por causa das greves. Se o senhor chegar ao Palácio do Buriti, Brasília vai ter greve dia sim, dia não?

Cristovam Buarque - Em primeiro lugar, as greves da UnB eram nacionais. Nunca tive uma greve contra a minha administração. Eram greves nacionais por melhores salários. Tolerei democraticamente o movimento e nunca chamei a polícia para reprimir os grevistas. Quando pipocou greve pesada, chamei alguns deputados que me auxiliaram na negociação. Naquela época, eu não era do PT. Só entrei no partido quando deixei a reitoria. Agora, quem enfrenta greve por incompetência administrativa é o Roriz. Recebeu os recursos para pagamento de pessoal e não pagou aos servidores porque desviou verbas para acabar mais rápido o Metrô. O pior é que não conseguiu.

Correio - Tirando o esforço da militância do PT, como o senhor explica sua arancada na reta final neste primeiro turno?

Cristovam - A militância do PT é realmente extraordinária. Quem não se lembra da eleição da Erundina em 90? E Brasília é uma cidade petista por essência. Agora, no meu caso específico, a mudança no programa de TV foi fundamental. Eu era um desconhecido político na cidade. Erramos no começo quando fizemos o programa com Pedro Jorge e um pool de pessoas amigas do PT. Acertamos quando entregamos o programa a publicitários profissionais da agência Forum.

Correio - E o que mudou no homem Cristovam, que antes gaguejava e hoje faz discursos articulados e emocionados? Quando o professor deu lugar ao candidato?

Cristovam - Realmente, houve uma mudança radical. Me lembro inclusive do momento que isto aconteceu. Foi na Rodoviária, no meio da campanha, quando ouvi militantes gritando meu nome. Entendi que não falavam de mim, o professor didático. Professor não pede voto, faz palestra. Converse, mas não seduz. Ora, eleição é sedução, é paixão. A partir daí, mergulhei no processo com todas as minhas forças.

Correio - O senhor fala muito em ética. É ético continuar chamando o senador Valmir Campelo de "pau mandado da ditadura"?

Cristovam - O comportamento ético é fundamental no exercício político. Sou e continuarei sendo o companheiro de Lula

em Brasília. Aposto na transparência e na clareza. Por isso, vou continuar afirmando que o senador Valmir Campelo não tem experiência administrativa porque trabalhou para o regime militar. Do ponto de vista político, ele também fracassou: foi um porta-voz de Collor durante a CPI do PC e depois de Roriz na CPI dos anões do orçamento.

Correio - Mas o senhor também fez elogios ao senador Valmir Campelo?

Cristovam - É verdade. Disse antes e reafirmo: mude, Valmir. Ele seria um bom candidato se tivesse vôo próprio. Mas não tem. Parece aqueles aviõezinhos teleguiados por controle remoto. Primeiro, pela ditadura, depois por Collor e Roriz. Aliás, ele teve uma grande chance na campanha para se libertar de Roriz, mas nem tentou.

Correio - Na sua opinião, a interferência do governador Roriz atrapalhou os planos de Valmir de se eleger no primeiro turno?

Cristovam - Não sei. Mas por que Valmir começou a cair nas pesquisas justamente depois que Roriz anunciou que iria se envolver

na campanha? Se fizermos uma leitura plebiscitária da eleição, Roriz foi o grande derrotado. De que adianta ele ter 70% de apoio popular se não consegue transferir? Ora, 65% dos eleitores do Distrito Federal querem mudança, votaram contra o apartheid social.

Correio - O senhor é contra a política de assentamento, é contra Samambaia?

Cristovam - Nada disso. Nós queremos é dar mais dignidade aos que receberam lotes. Votamos contra a aprovação do projeto de doação de lotes, porque é um projeto demagógico e eleitoreiro. Roriz é um latifundiário que nunca distribuiu um centímetro quadrado de terra e quer fazer demagogia com as terras públicas do DF.

Correio - Um governador do PT em Brasília terá uma relação complicada com o futuro presidente Fernando Henrique Cardoso? Há quem diga que ele poderá boicotar o repasse de recursos para saúde, educação e segurança para o DF. O senhor concorda com isso?

Cristovam - É claro que não posso acreditar nisso. Não posso duvidar da inteligência do senador Fernando Henrique Cardoso nem da minha. Somos professores, homens civilizados. O processo democrático se caracteriza por relações civilizadas. Como governador, estarei falando pelo povo de Brasília. Vou defender reformas sociais para todo o País. Só assim melhoraremos nossa cidade.



"Sou e continuarei sendo o companheiro de Lula em Brasília"